

OCUPAÇÃO E DESIGULDADES NO ESPAÇO URBANO EM CASCAVEL

Maicon Mariano

Mestrando em História na pós-graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina UDESC

maicon.mariano@yahoo.com.br

Resumo:

A região oeste do Paraná, vem sendo reocupada por fluxos migratórios acentuados nas últimas décadas do século XX, implicando na formação e expansão de núcleos urbanos. Para a cidade de Cascavel, este processo inflamou conflitos gerados entre necessidades de assentamentos urbanos e políticas habitacionais encampadas pelo discurso progressista. O crescimento está diretamente ligado as segregações sociais do espaço, o que produz a essência de desigualdades nas condições da vida urbana, paralelamente ao período de significativo aumento e diversificação da produção de setores industriais e comerciais que subsidiam a propaganda oficial da cidade de Cascavel: “Capital do Oeste”. O decurso da pesquisa aspira, por meio dos assentamentos urbanos ocorridos em conjuntos habitacionais populares, apreender sobre as dinâmicas sociais e culturais na tensa ocupação do solo permeado pela luta cotidiana no fazer-se da cidade, considerando os valores e significados que permitem analisar a cidade de Cascavel sob o olhar dos sujeitos históricos que a constroem e integram suas redes de sociabilidades.

Palavras Chaves: Cidade, Disparidades, Viveres Urbanos

Construções: A cidade e o urbano

Este texto é apresentado como conjunto de leituras, ideias e reflexões sobre o processo de migração e ocupação urbana para a cidade de Cascavel, localizada no oeste do Paraná. Relacionadas a pesquisa, no programa de pós-graduação em História na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, iniciada neste ano de 2010. O recorte temporal está associado a constituição segregações e usos dos espaços urbanos, praticados a partir de assentamentos em moradias populares entre as décadas de 1980 à década de 2000. As interpretação construídas visa debater com a multiplicidade de memórias de sujeitos reais, considerando os valores e significados que possibilitam compreender a cidade de Cascavel sob o olhar daqueles que a constroem, mas que o reconhecimento pelas participações é diminuta ou mesmo marginalizada.

A respeito da cidade de Cascavel, abordagens temporais se fazem necessário para melhor

visualizar o que se pretende neste escopo. No processo de crescimento populacional que ocorreu para a cidade, bem como, a regiões oeste do estado paranaense, procede principalmente de fluxos migratórios que se intensificaram em meados do século XX. A emancipação de Cascavel somente ocorreu em 1952, encontrando-se hoje entre os 50 municípios que formam a região do oeste, cidades que surgiram principalmente após a década de 1950, quando antes pertenciam ao território do município de Foz do Iguaçu.

Ao observar os primeiros censos do IBGE para região na década de 1960 a população no município contabilizava 39.598 habitantes, destes pouco mais de 5 mil moradores viviam na área urbana. O censo na virada das décadas 1970/1980 indicava crescimento para 89.921 maiorias ainda concentrados na área rural, residindo no urbano em torno de 34.961. O crescimento é ainda mais expressivos nas últimas três décadas, quando no final da década de 1980 o censo registrou 163.459, com ampla maioria vivendo no urbano 123.698 moradores, e tendo por estimativa para ano 2010 cerca de 305 mil habitantes.

Correspondente ao período de crescimento populacional e econômico, se faz notar o crescimento de disparidades sociais, dadas as condições desiguais na ocupação de moradias, pois, como em outras cidades, o crescimento urbano não se difere da lógica de mercado capitalista para ocupação dos terrenos, o espaço, que não deixa de ser uma mercadoria, seu preço é definido conforme os investimentos públicos e privados, no qual, seus valores podem ser acrescentados em virtude da localização ou mesmo do relevo do terreno e em decorrência promove a identificação dos espaços de moradia, como bairro para ricos e bairro para os pobres, onde a infraestrutura se encontra presente no primeira é ausente no segundo.

Ao mencionar os movimentos populares num âmbito mais amplo, se faz notar a importância das lutas e organizações dos movimentos sociais, na resistência frente às ocupações nas periferias das cidades, que passaram a ter maior visibilidade em meio ao panorama de afirmação de direitos urbanos durante a década de 1980. Tanto que a Constituição Federal de 1988 passa reconhecer o direito à moradia como direito básico, ampliando esse direito para além das edificações os serviços urbanos articuladas ao direito à cidade. Direitos à cidade, mas direitos subvertidos pelos projetos urbanos, ou seja direitos formulado e transformados para à vida urbana:

Basta abrir os olhos para compreender a vida cotidiana daquele que corre de sua moradia para a estação próxima ou distante, para o metrô superlotado, para o escritório ou para a fábrica, para retoma à tarde mesmo caminho e voltar para casa a fim de recuperar as forças para recomeçar tudo no dia seguinte. O quadro dessa miséria generalizada não poderia deixar de se fazer acompanhar pelo quadro das “satisfações” que a dissimulam e que se tornam os meios de eludi-la e de evadir-se dela. (LEFEBVRE, 2009, p 118)

Entendo que o desenvolvimento urbano de Cascavel está estreitamente ligado aos perfis

de cidades construídas durante a ditadura militar brasileira (1964-1985), observando não apenas o modelo dos bairros, mas um conjunto arquitetônico política e culturalmente percebidos no presente, em suas formas e identidades. Esta consideração se reforça ao perceber a contínua participação de grupos políticos que se afirmaram justamente neste período. A cidade como um conjunto de viveres rurais e urbanos proporcionam muitos caminhos para melhores exames, mas no caso da cidade de Cascavel, ocorreu uma descomunal urbanização em poucas décadas, é nesse processo que as relações praticadas no tempo e espaço que encontra-se meu problema de pesquisa.

Convivência e Significados na Cidade

Para este trabalho em desenvolvimento, não estou partindo do zero, algum conhecimento sobre a cidade de Cascavel, obtive durante o período de pesquisa acadêmica, anteriormente realizada sobre o bairro Jardim Floresta, observado desde sua constituição na década de 1980. O processo de produção proporcionou através das experiências dos moradores daquele bairro dimensões do vivido e compartilhado sobre a cidade. No modo em que a trama das relações não são definidas pura e simplesmente no âmbito do visível. E para se entender como as trajetórias e experiências estão presentes nos modos de viver o urbano. (MARIANO, 2008).

Não construí para aquele bairro sentidos de periferia, de rotular aos moradores vítimas do processo resultante das relações capitalistas. O trabalho teve no diálogo com as memórias sociais possibilidades de visualizar identificar a multiplicidade de experimentações da realidade. Assim, realizei muitos encontros, entre eles várias pessoas me concederam entrevistas, com as quais apreendi muito, pessoas que mostram vontade em reivindicar suas participações na construção da cidade, sujeitos reais, interpretações que não há possibilidades de encontrar em qualquer arquivo, passagens vividas e narradas no vivo.

Entre as questões que não se esgotaram e que continuarei a apreender, é sobre o dinamismo e os diferentes sentidos para a ocupação dos espaços nas proximidades do bairro Floresta, e de maneira mais geral para a área norte da cidade. Região empregada como destino para construção de novos conjuntos populares em decorrência de ocupações, entendidas como ilegais, encaixando-se com o perfil econômico e social dos trabalhadores. Deslocamentos que encontram a ressalva no discurso público oficial tendo como justificativa a existência de estruturas urbanas no bairro Floresta como: escola, posto de saúde, linhas para o transporte coletivo.

Entre os casos mais recentes, foi o ocorrido em relação à transferência das famílias que ocupam uma determinada área no bairro Gramado próximo ao centro. Diante disso, foi constatado que, antes da prefeitura determinar a construção de um novo bairro próximo ao bairro Floresta, examinou outras áreas nos espaços da cidade. Propostas foram apresentadas, mesmo porque na cidade há existência de lotes vazios em diferentes bairros, terrenos comuns na cidade, mais conhecidos como “terrenos de engorda” em que, as imobiliárias aguardam que o imóvel valorize continuamente, até que esteja de acordo com a especulação de lucro que interesse à venda. Entre as alegações implícitas por parte de moradores de vários bairros, que resultaram no fracasso das transferências, estava a periculosidade e em decorrência a violência que a mudança causaria. Pertinente o exemplo para observação de como as semânticas construídas para os lugares são interiorizadas por seus ocupantes, e que mecanismos podem ser empregados para legitimar as segregações sociais no espaço.



Figura 1 - Construção de casas populares para as famílias do Jardim Gramado, e a fronteira com o bairro Floresta / Visita ao bairro em março e agosto de 2008.

Fonte: Acervo particular do autor

Concomitante com outras situações, a partir da pesquisa compreendi que não poderia pesquisar Cascavel desconhecendo os significados que seus moradores atribuem as suas experiências cotidianas. O modo como os moradores se relacionam e vivenciam as mudanças na cidade e no bairro, ajudou-me a apreender jogos de significação dessa realidade em face das lutas de dominação e resistência, que indagam horizontes possíveis e limitados de assentamento

na vida urbana.

Nesta direção encontrei nas narrativas dos moradores do bairro Floresta o processo em que a memória se produz e se transforma em experiência social vivida, expressando valores e significados. Que permitem compreender a cidade e o bairro sob o olhar dos sujeitos históricos que a constroem, refutando as imagens distorcidas que ocultam as diversas cidades existentes em Cascavel. No entanto, a memória também é construída entre as relações dos grupos sociais vividas pelos sujeitos que resultam em experiências, vivenciando uma existência social.

Os aprendizados que a pesquisa proporcionou, são importantes para pensar e discutir os espaços de convivência construídos e elaborados no decorrer do tempo por sujeitos individuais e coletivos, espaços formados por um conjunto de valores socialmente aceitos e partilhados pelos moradores. Analisar o processo de relações de sociabilidade e moradia de novos conjuntos habitacionais de moradias populares de Cascavel é um desafio para o desenvolvimento neste inédito trabalho. O empenho é em estudar a realidade múltipla construída pelos trabalhadores e, conseqüentemente, questionar qualquer discurso que tente negá-los da participação na construção da cidade.

Neste novo panorama contribuições tenho recebido das disciplinas disponibilizadas pela UDESC, assim, esse estudo da história parte em investigar temas e problemas do presente, partindo do pressuposto metodológico de que “a história não é somente o estudo do passado, ela também pode ser, como um menor recuo e método particulares, o estudo do presente” (CHAUVEAU & TÉRART, 1999, p.15). E nesta perspectiva é que o urbanismo enquanto discurso difundido e prática cotidiana se localiza nesta História do Tempo Presente, pois o presente não se enquadra em tempo efêmero entre passado e futuro. Tratando-se de cidade o futuro está em crise, ele não surge como tecnicamente grandioso vislumbrado pelos filmes de ficção científica, cada ano as várias tragédias causadas por fenômenos naturais abalam as grandes cidades e põem em farelos o concreto urbano, causando maiores danos a população pobre que vive em precárias condições.

Como cidade de porte médio, Cascavel está no perfil de cidades constantemente apontadas como destino para o contingente que vive nas metrópoles a beira de colapsos. Mas, diante de incertezas e previsões sensíveis, apenas o passado torna-se é referência e se movimenta reinvestido o presente, “A submissão das sociedades ao seu passado parece, assim, incontestável: quer proclamem, que o calem, os grupos sociais só estabelecem uma nova ordem esgueirando-se nos bolsões institucionais e regulamentares que herdaram” (LEPITIT, 2001, p. 174).

Contrastes do espaço urbano

A atenção dada aos bairros BNH justifica-se pela relação contemporânea ao período do regime militar, quando as cidades brasileiras passaram a estar no centro de um debate político que propunha transformar padrões de produção e habitação, como reitera Emília Maricato (1987) foi durante década de 1960 que no Brasil se instituiu e desenvolveu o Sistema Financeiro de Habitação (SFH) e o Banco Nacional de Habitação (BNH), este consolidando como a mais forte agente nacional de política urbana. Foi esta instituições que destinou recursos para o financiamento de construção de moradias e ao mesmo tempo injetou capital no setor privado, como o mercado imobiliário que controlava os investimentos urbanos.

As construções de conjuntos habitacionais, dirigidos para as classes populares, estão inseridas neste processo de urbanização. Em Cascavel, as primeiras estão àquelas construídas em parceria entre o BNH e a Companhia de Habitação do Paraná - Cohapar. Na área sul da cidade foi edificado o conjunto habitacional Guarujá (1976), na área oeste o Parque Verde (1978) e na área norte o Jardim Floresta (1981), além de estarem entre os mais antigos deste modelo planejado, correspondem paramétricos do crescimento na área urbana. Não são apenas conjuntos, são bairros construídos nas extremas da cidade, no processo, segundo Raquel Rolnik (2004), que faz de ambientes tidos como periferias, resultante do reflexo de urbanização onde aspiram áreas agrícolas num movimento incessante de modificação urbana, reconfigurando novos significados aos espaços. Ainda na década de 1980 o sistema de habitação promovido pelo BNH entrou em crise, evidenciado pelos favorecimentos de esquemas especulativos dos setores imobiliários e da construção civil, denunciados pelas associações de mutuários e direcionados para o campo de disputas jurídicas.

Estes conjuntos habitacionais em Cascavel completaram, ou estão completando, 30 anos desde sua constituição. O princípio isolamento de suas localidades observa para o presente um emaranharam de novos bairros e loteamentos formando regiões distintas e de relações complexas, que não atende a um padrão arquitetônico definido, com suas conexões caóticas de moradia e trabalho. Também expressam o quanto o nível de carência existentes nas estruturas de moradias, por vezes, ignorando o equilíbrio entre o ambiental e o urbano. Redes independentes de relações comerciais, em meio a uma estrutura primária de atendimentos públicos, como também privados, permeiam o cenário vivido por uma significativa parcela da população concentradas nestas localidades.

Com encerramento do regime militar, sai de cena o modelo de crédito para construção de habitações gerenciado pelo BNH. E na cidade de Cascavel a década de 1990 não apresentou o

mesmo ritmo de construção de moradias populares. Contudo o episódio de relevância que revela como a questão da moradia está relacionado às tensões que transpassa o espaço do bairro para a cidade, foi o caso da ocupação do Conjunto Residencial das Palmeiras, em 1995. Este conjunto residencial com 490 apartamentos foi edificado com recurso do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e após três anos de atraso na entrega foi ocupado por centenas de famílias. As questões que impediam a compra dos apartamentos estavam relacionadas à briga judicial entre a Caixa Econômica Federal e a construtora Cury, a construção foi embargada por suspeita de superfaturamento no material utilizados. Somente em 1999 houve o processo de legalização da situação do Residencial das Palmeiras. Pelo seu tamanho esse conjunto “fechado” possui praticamente a metade da população do bairro Parque Verde.

O processo de ocupação do residencial não envolveu diretamente nenhum movimento popular de moradia, e sim moradores de Cascavel sem moradias que souberam se organizar, percebido pela atuação da Associação dos Ocupantes do Conjunto Residencial das Palmeiras, que mantém suas atividades. O que se pretende pesquisar com este caso: é questionar quais interesses movem os mercados imobiliários e de que modo os moradores se posicionam, evidenciando a relação de forças nos embates ao direito à cidade.

Na década de 2000 as questões envolvendo os discursos políticos, em especial a habitação, tiveram como centro de debate na cidade de Cascavel a construção do conjunto Lar Cidadão Julieta Bueno, bairro com aproximadamente 473 moradias, na área norte de Cascavel. Sendo que, o recurso aplicado para a construção das casas veio através da prefeitura e da Companhia de Habitação de Cascavel (COHAVEL).

O ainda projeto de construção de conjunto habitacional foi o carro chefe na campanha eleitoral municipal no ano de 2000, do então candidato, e posterior, prefeito Edgar Bueno (PDT). Paralelamente a construção do conjunto Julieta Bueno, a administração municipal da cidade desenvolveu, e tendo dado continuidade ao projeto *Cidade das Águas*, que em síntese propõe a recuperação e preservação de mananciais, e em alguns casos, sua transformação em áreas de convivência como fontes e parques. O discurso ambiental encampado pelo poder político, tem justificado a intervenção no que trata a questão paisagista, da criação de espaços públicos, bem como, a remoção de famílias para bairros distantes.

Destes conjuntos habitacionais que estão no escopo do trabalho, não devem ser entendidos como parâmetros comparativos entre os lugares da cidade, estão espalhados em uma mancha urbana que facilitará entender o crescimento da cidade, seus espaços e lugares, e o papel de conjuntos populares na vida da cidade. Intencionalmente recortados em décadas diferentes podem exprimir as relações em movimentos e relações que passaram a se movimentar.

Por que os bairros? O bairro não configura apenas uma demarcação espacial, expressam tramas específicas na vida cidadina, no modo como espelham particularidades daqueles que o ocupam. Intima relações entre os objetos o espaço público e privado influenciam na identificação dos sujeitos, nos comportamentos que se modificam ao chegar em casa, ao caminhar pelo bairro e sair para a cidade. Neles há linguagens e sinais característicos que contribuem para interpretar a leitura sobre a cidade como um todo, como podemos perceber no cotidiano:

Pelo fato do seu uso habitual, o bairro pode ser considerado como a privatização progressiva do espaço público. Trata-se de um dispositivo prático que tem por função garantir uma solução de continuidade entre aqui que é mais íntimo (o espaço privado da residência) e o que é mais desconhecido (o conjunto da cidade ou mesmo, por extensão, o resto do mundo [...]) O bairro constitui o termo médio de uma dialética existencial entre o dentro e o fora [...]. Além disso, o bairro é o espaço de uma relação com o outro como ser social, exigindo um tratamento especial. Sair de casa, andar pela rua, é efetuar de tudo um ato cultural, não arbitrário: inscreve o habitante em uma rede de sinais sociais que lhe são preexistente (os vizinhos, a configuração dos lugares etc.) A relação entrada/ saída, dentro/ fora penetra outras relações (casa/ trabalho, conhecido/ desconhecido, calor /frio, tempo úmido /tempo seco, atividade/ passividade, masculino/ feminino...). É uma relação entre uma pessoa e o mundo físico e social. (MAYOL, 1996, p.42-43)

Ao tratar da maneira como os bairros são retratados pelos meios de comunicação proponho uma análise com as fontes impressas, de como a mídia regional e local projeta o perfil dos espaços ligados às moradias. Para tanto farei uso do acervo encontrado no Arquivo Público do Paraná, localizado na cidade de Curitiba, entre os vários documentos visuais e impressos, encontra-se daqueles veículos informativos que já não estão em circulação. Na cidade de Cascavel a biblioteca municipal dispõe dos arquivos do jornal *O Estado do Paraná* contemplando as décadas de 1980 até 2010, onde os meses estão divididos em livros tombo na sequência mensal de cada ano o que facilita o estudo. E o *Jornal Hoje* que vem produzindo mensalmente nos últimos anos, uma abordagem dos bairros de Cascavel, e que conserva em seus arquivos. Sobre os arquivos visuais, o Museu da Imagem e Som – MIS, de Cascavel em parceria com a Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus Marechal Cândido Rondon, já disponibiliza um acervo com mais de 8 mil fotografias e com previsão para 40 mil, principalmente do perímetro urbano, do qual está disponível através do endereço eletrônico da prefeitura municipal de Cascavel.

Não há como em um único estudo aprofundar as múltiplas relações vividas em cada conjunto por seus moradores, mas pensando as relações entre migração, ocupação e sociabilidades, terei melhor êxito ao capturar fragmentos destes bairros com as práticas culturais vividas nos cruzamento da cidade. Sendo a História campo do conhecimento que apresenta seus resultados observando os movimentos de transformação. Surge um panorama de nova

abordagem e questionamentos onde a complexidade crescente no mundo contemporâneo nos desafia a interpretar, e que será uma janela que rompe o distanciamento da academia e a sociedade. Mancha urbana, localização dos bairros:

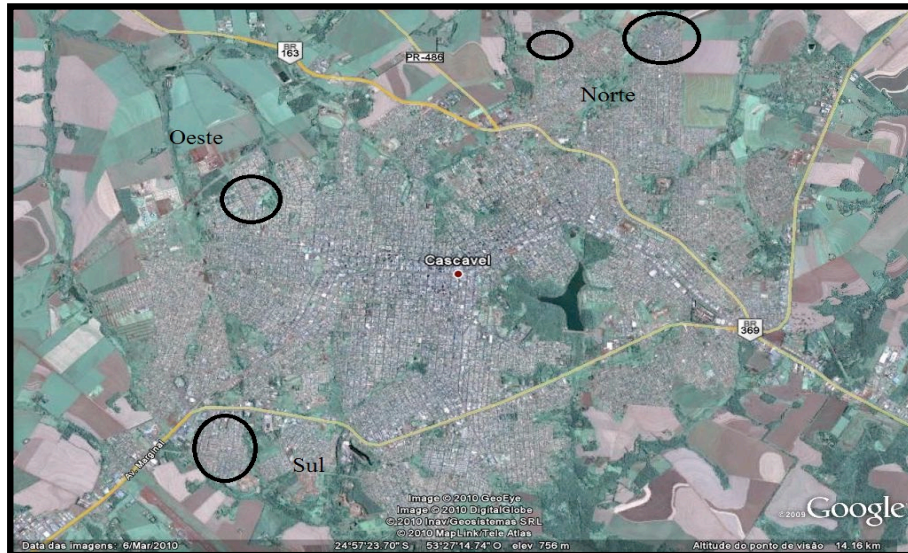


Figura 2 - Mapa Geográfico de Cascavel

Fonte: Google Earth (Acessado em Setembro de 2010)

As categorias de análise, presentes na base dessa pesquisa, deveram ser formuladas também a partir do diálogo com a produção historiográfica relativas às cidades migração, políticas habitacionais, quanto a uma literatura mais geral quanto local, que tratam de temas como cidade e memória, viveres urbanos, e territórios. Que anotam como os conflitos no espaço de disputa revelam fronteiras imaginárias, e constituem territórios. Assim, como as práticas sociais e culturais vividas nos conflitos da cidade e da realidade de cada bairro, analisando as relações de permanência, fluxo e deslocamento citadino.

Em meio à tensa ocupação do espaço, a pesquisa buscará através das experiências dos diversos sujeitos social, que compõe com os grupos de moradores apreender sobre como se desenvolve o crescimento de uma cidade e seus conflitos ligados as políticas habitacionais no assentamento das classes populares. De onde as famílias vieram? Como vivenciam os embates em torno da moradia? Que relações estabelecem no transito entre e a cidade e bairro ? Com consciência que será impossível obter uma resposta que compreendesse de maneira única e segura tais processos sociais, esta é uma pesquisa que busca compreender as dinâmicas sociais na constituição do espaço urbano ligados ao processo de convivência e seus sentidos dos viveres sociais naquela urbe.

REFERÊNCIAS

- AGNÈS CHAUVEAU E PHILIPPE TÉTART (ORG) *Questões para a história do presente*. São Paulo: Edusc, 1997
- ARANTES, Antônio Augusto. *Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público*. São Paulo: Unicamp, 2000.
- CERTEAU, Michel de; LUCE, Gird; PIERRE, Mayol, *A Invenção Do Cotidiano 2. Moras, Cozinhar*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- DIAS, Caio Smolarek; FEIBER, Fúlvio Natério; DIAS, Solange Irene Smolarek. *Cascavel: um pedaço no tempo. A história do planejamento urbano*. Cascavel: Sintagma Editores, 2005.
- DURHAM .Eunice Ribeiro. *A Caminho da Cidade*. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- LEFEBVRE. Henri. *O Direito à Cidade*. São Paulo: Centauro, 2009.
- MARICATO. Ermínia. *Política Habitacional do Regime Militar: Do Milagre Brasileiro a Crise Econômica*. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.
- MENESES, Upiano T. Bezerra de. *A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória do campo das ciências sociais*. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo: IEB, nº 34, 1992.
- PIAIA, Wander. *A ocupação do oeste paranaense e a formação de Cascavel: As singularidade de uma cidade comum*. 2004. Tese (doutorado em história). UFF.
- PORTELLI, Alessandro. *Forma e significado na história oral. A pesquisa como um experimento em igualdade*. Projeto história. São Paulo, PUC / SP, nº 14, 1997.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, Editora Unicamp, 2007.
- ROLNIK, Raquel. *O que é cidade? : São Paulo: Brasiliense, 2004.*
- SCHREINER, Davi Félix. *Cotidiano Trabalho pode: A formação da cultura do trabalho no extremo oeste do Paraná*. 2 ° ed. Cascavel: GAT, 1999.